

CARTA DO
LÍBANO

Alia Carol Maluf,

PALESTRANTE,
COLECIONADORA
E ATIVISTA DO
TERCEIRO SETOR

Adriana Rizkallah

Cristina Beatriz Palis
Duarte Martins

Silvia Helena
Domingos Cury

Isabela Elias
Nassif Barreto

Karina Younan

Maísa Zakzuk

Alessandra Duailibi

Isabel Sued Perrin
Adriana Nassif Garib

Vera Maria Haj
Mussi Augusto

Sylva Abboud
el-Jamal

Claudia Chueri Kodja

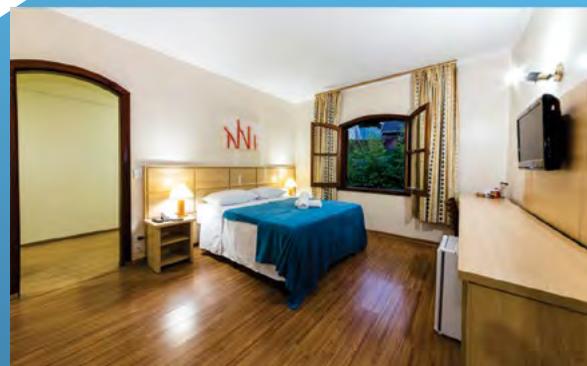
Cristiane Yazigi
Roumieh

Claudia Yazigi
Haddad

ESPECIAL

mulheres inspiradoras ³

Exemplos de força, resiliência e solidariedade para tempos de crise



reservas@eurosuihotelcampos.com.br
(12) 3663.7179 - 3663.7189 - 3663.7224
Av. Emílio Ribas, 100, Capivari

FAÇA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

FOZ DO IGUAÇU



**HOTEL GOLDEN PARK
INTERNACIONAL FOZ**



reservas@goldenparkinternacionalfoz.com.br
Reservas +55 (45) 3521-4100
Rua Almirante Barroso, 2006, Centro
Foz do Iguaçu - CEP 85851-010

CARTA DO
LIBANO

UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA · ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA
ALIA CAROL MALUF
FOTO
BRAZIL FOUNDATION

MINHA TRISTEZA
PELO LIBANO

As vésperas de comemorar o centenário do Grande Líbano - fundado em 1º de setembro de 1920 - o país vive sob o impacto de uma grave crise socioeconômica que tem gerado sofrimento, pobreza e preocupação. Além disso, há o pesadelo de lidar com a pandemia do coronavírus.

De acordo com o Banco Mundial, a atual crise deve jogar 75% da população do país na pobreza. Só no último mês, a libra libanesa perdeu 80% do seu valor e 90% dos alimentos precisam ser importados, uma vez que não há indústrias e a agricultura é pouco desenvolvida. Coloque-se nessa conta, o fato de o Líbano atualmente acolher 1,7 milhão de refugiados sírios e 250 mil trabalhadores migrantes.

O envolvimento da milícia xiita pró-Irã, o Hezbollah, nos conflitos armados na Síria, Iraque e Iêmen isolou o país, afastando os investimentos do capital árabe e ocidental. Enquanto isso, o presidente do Líbano, Michel Aoun, enfraqueceu como gestor da crise e atua como aliado dessa mesma milícia, desde 2006.

Diante deste terrível quadro, o cardeal Bechara Boutros Rai, patriarca maronita de Antioquia, solicitou à ONU uma declaração de status de neutralidade para o Líbano. Decisão que desbloquearia a postura de compasso de espera da comunidade internacional em relação ao Líbano.

Em setembro, **Carta do Líbano** lançará uma edição histórica e comemorativa do Grande Líbano, que no período entre as décadas de 1920 e 1960 foi a terra do pluralismo, da tolerância, da cultura e da prosperidade no Oriente Médio.

Estamos redescobrimo a dimensão do drama que nossos avós viveram entre 1914 e 1916 sob o domínio otomano, quando 200 mil libaneses morreram de fome no Monte Líbano. Hoje apenas trocamos o sultão otomano pelo aiatolá iraniano.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

ANO 26 • NÚMERO 177 • 06&07.2020

CARTA DO
LIBANO



38



14



30



46



40



34



44



18



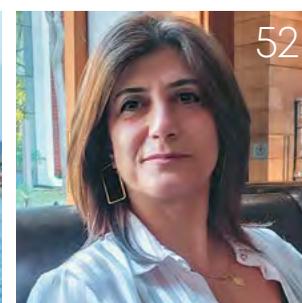
26



60



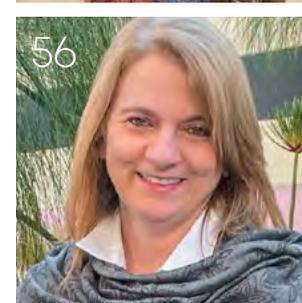
50



52



22



56



08



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO

06 | Cartas

08 | Alia Carol Maluf
Uma vida sem fronteiras

14 | Adriana Rizkallah
Memória paulistana

18 | Cristina Beatriz Palis Duarte Martins
Mascates, cultura e negócios

22 | Sílvia Helena Domingos Cury
Amor, sabor & gratidão

26 | Isabela Elias Nassif Barreto
Resiliência e fé na vida

30 | Karina Younan
Corações e mentes

34 | Maísa Zakzuk
Sobre ancestralidade e empatia

38 | Alessandra Duailibi
Moda, diversão & arte

40 | Isabel Sued Perrin
Da geração pão com cocada

44 | Adriana Nassif Garib
O chamado do Oriente

46 | Vera Maria Haj Mussi Augusto
A educação como herança

50 | Sylvia Abboud el-Jamal
Na alma e no coração

52 | Claudia Chueri Kodja
Riqueza como exemplo de moral e aptidão

56 | Cristiane Yazigi Roumieh
Educação, tradição e resiliência

59 | Edmo Atique Gabriel
O amor e o coração

60 | Claudia Yazigi Haddad
Fazer o bem faz bem



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 0095 · CONTA CORRENTE 21114-1

CARTAS

Brindes aos 25 anos de CARTA DO LÍBANO

“Olha aqui a Carta do Líbano, completando 25 voltas em torno do Sol – e firme na missão de informar, unir, facilitar e revelar talentos libaneses em terras brasileiras e no mundo.

Nesta edição de aniversário o pacote de presente vem luminoso. Já começa com mulheres inspiradoras. No editorial, um texto forte do intrépido editor destacando sua trajetória na condução da revista. Aproveitando que estamos com Fouad Naime, emendamos para dizer que a sua trajetória é de um digno libanês, atravessou mares e aqui se consolidou como um elemento de união entre as pessoas e, melhor ainda, com um jeitão desencaçado que cativa os que com ele convivem. Páginas que seguem e lá vêm mais presentes inspiradores. Parabéns Fouad, pela excelência do trabalho e brilhantismo na arte de construir pontes. Boa leitura – e obrigado por lutar pelos libaneses, obcecados por vitórias, ou pelo menos por lutas dignas!!

Hanna Mtanios Hanna Júnior
Cônsul honorário do Líbano
Goiânia, GO



Parabéns, caríssimo Fouad e equipe

“Pelos 25 anos da Carta do Líbano, que se aprimora a cada dia, alimentando nosso orgulho pelas raízes libanesas! Conteúdo editorial esmerado e qualidade gráfica primorosa! Vida longa à Carta do Líbano!

Katia Chalita
Rio de Janeiro, RJ



Mabrouk!!!

“Querido Editor Fouad Naime,

Publicações encolheram em todo o planeta durante a maldita pandemia que se propagou a partir da China, neste 2020, atingindo mortalmente todos os povos. Um dos exemplos aqui é o poderoso “Estadão” - cada dia, infelizmente, com menos páginas. Alguns diários chegaram a sair de circulação, como o “Lance”, único jornal esportivo então do Brasil. E, por isso, tenho motivo ainda maior para me congratular com Carta do Líbano que, para além de atravessar o ‘deserto’ da quarentena mundial, conseguiu nos brindar com primorosas edições dedicadas às jovens mulheres que se destacam na vida brasileira. Quase todas são originárias de famílias provenientes do Líbano. Parabéns pelos primeiros 25 anos da revista! Vida longa à Carta do Líbano!

Albino Castro Rabay, jornalista
São Paulo, SP



O cedro cultivado no Brasil

“Por que quase toda vez que curto algo ligado ao Libnéne (Líbano) tem que ser com um qálb (coração)?

Kkk! Apesar das diferenças a situação libanesa recorda em parte a da nossa Cidade Maravilhosa sendo até um exemplo ou fonte de estudo e comparação. !Alf Mabruk! Ao Batriarchy dos Ortodoxos, se o nosso patriarca, Nasrallah Boutros Sfeir, estivesse vivo tenho certeza de que não fugiria a luta. Um dia vou te passar uma foto de um livro de Chucuri Curi que ensinava o português básico aos emigrados. Edição original. Foi-me dado pelo padre Juca, errei por não ter perguntado se pertenceu ao vovô Adão (Abdo), aqui em Ressaquinha - sei de mais um com os Nahuns. No meu, falta a capa. É de 1922, se não me engano. Chucuri, avô do saudoso deputado paulista Ricardo Izar, era morador do Tatuapé e liderou a colônia libanesa em seu âmbito cultural, acho que a Carta do Líbano já fez reportagem sobre ele. Consta que aqui ele criou a primeira bandeira libanesa, um campo branco com um cedro verde ao centro. Há foto interessante e tinha mais duas revistas dele da década de 1940: “Esphinge”, que infelizmente só restou alguns recortes. Crítica: As publicações da Colônia padecem de um problema, são politicamente muito certinhas, evitam polêmicas, e em geral ficam a mostrar só tertúlias. Quem diria, Chucuri Curi faz parte da história da colônia libanesa maronita de Ressaquinha (MG).

Amin Feres
Ressaquinha, MG

Alia Carol Maluf

Uma vida sem fronteiras

Filha, mãe, escritora, palestrante, colecionadora e ativista. Mais do que desenvolver diferentes atividades, Carol Maluf se reinventa por meio das origens, influências e valores libaneses trazidos e preservados em terras brasileiras. Com muita atitude, Carol luta por um Brasil melhor para todos

“**N**os últimos oito anos, a vida de Alia Carol Maluf tem sido dedicada ao ativismo no Terceiro Setor, integrando vários conselhos no Brasil e no mundo. Além de atuar como consultora pró bono, criando parcerias entre grandes doadores e organizações sociais, ela tem se engajado na aprovação de uma lei que viabilize a formação de Fundos Patrimoniais. Hoje, com um Brasil vivendo uma de suas maiores pandemias, a de Covid19, nunca foi tão importante assegurar que a sociedade civil consiga participar na manutenção da saúde, educação e estrutura do seu povo.

De acordo com ela, a sanção do projeto de lei que institui o Novo Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil – que ocorreu em 31 de julho de 2014 – consolidará medidas importantes para a celebração de parcerias, possibilitando que as boas iniciativas de organizações da sociedade civil e as políticas públicas implementadas sejam fortalecidas.

A filantropia, como define Alia Carol, é um projeto social de longo prazo. Trata-se de uma manifestação concreta de amor à humanidade, porque cria parcerias entre os setores público e privado para garantir – de forma sustentada – a inclusão de toda

a população no crescimento econômico do país e a manutenção de sua democracia.

Apesar do primeiro passo ter sido dado, há muito mais a ser feito, com a formação de uma cultura de doação e de conscientização social, a exemplo do que já ocorre em países desenvolvidos e trabalhos respeitados, como o da Fundação Bill & Melinda Gates. É preciso criar um dispositivo tributário, sem penalizar por meio de impostos os investidores que alocarem seus recursos em prol do bem comum, inclusive criando leis para as áreas de ciências, como a lei Rouanet para as artes. O Brasil tem que incentivar seus filantropos a investir em pesquisas médicas, vacinas e medicações, sem depender de outros países. “Só mudamos o rumo da história quando a sociedade está mobilizada em viabilizar uma filantropia séria, focada, organizada, bem planejada, com resultados concretos, apoiada por fundos patrimoniais e doações recorrentes e de impacto”, explica.

O desenvolvimento social da nação fortalece a democracia. Por isso, o papel do setor privado é fundamental. A atuação público-privada estimula a idoneidade das organizações e dos governos. Para Carol, o Brasil não precisa de caridade, nem de assistencialismo. Mas demanda muitas ações que



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Alia Carol Maluf se dedica ao ativismo do Terceiro Setor. Integra vários conselhos no Brasil e no mundo, bem como estabelece parcerias entre grandes doadores e organizações sociais



Alia Carol Maluf colaborou com o popstar Bono na Fundação Red, que o cantor, compositor e líder do U2 mantém para tocar seus projetos sociais e campanhas humanitárias



Alia Carol com o músico Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial, nos tempos da MTV



Alia Carol é autora de um livro inspirado em suas raízes libanesas

devem ser atendidas pelo Terceiro Setor. Como ativista filantrópica, Alia Carol Maluf acumula experiência do trabalho que desenvolveu para o Fórum Global de Filantropos e Investidores Sociais, com sede em San Francisco, e parte do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Atualmente, no Brasil, Alia Carol contribui com instituições como: Brazil Foundation, Instituto Gerando Falcões e Família Adota Família, entre outras.

Já palestrou sobre o assunto em diferentes ocasiões no Brasil, em Washington - ao lado do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair - e no Vaticano, para os cardeais, além de ter feito parte do conselho da Tony Elumelu Foundation, na Nigéria. Carol teve uma coluna para assuntos sociais no Huffington Post Brasil e hoje faz o mesmo para terceiros. Formada em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), com extensão universitária em Management pela Harvard Business School, Alia Carol Maluf atuou no show business e no entretenimento musical, trabalhando pela TV Bandeirantes, MTV, Warner Music, Via Funchal e Waterbrothers Entertainment. Também estudou Filosofia na PUC de São Paulo. “Gostaria de dar aulas para adolescentes, aqueles de quem muita gente gostaria de fugir, mas que eu acho absolutamente fascinantes”, planeja.

LÍBANO E BRASIL: UMA CAUSA DE FAMÍLIA

Em 2009, Alia Carol escreveu e publicou pela Editora Insular seu primeiro romance: “Destinos Deslocados”. Inspirado em suas origens libanesas, a história conta a saga de um casal de imigrantes que corre o mundo em busca de um “verdadeiro lar” nesta nação estrangeira. O livro reúne fatos divertidos e interessantes sobre a vida dos pais, Ibrahim e Meirelle, e da menina Carol que chegou no Brasil com cinco anos de idade, em 1969.

Em 166 páginas, a narrativa não retrata apenas fatos corriqueiros de um casal de libaneses abastados. Seu conteúdo é ao mesmo

tempo divertido e denso. Alia Carol retrata com sensibilidade seu círculo familiar. Mostra seus pais sob o seu olhar; como seriam em seu “habitat natural”, tratando a realidade tal como era, sem deixar de lado nenhum aspecto, por mais desagradável que fosse.

Descreve “o amor, por vezes, sofrido, tortuoso e até caricato” dos pais. Expõe a maneira leve e livre com que Ibrahim e Meirelle encaram a vida - despreocupados com o futuro. Entre um relato e outro, a autora conta com propriedade a história do Líbano, as características de seu povo, seus hábitos, costumes e os traços de figuras da elite libanesa, como se tirasse a máscara da sociedade de seu país, revelando a essência de suas origens ao mundo ocidental.

Para Alia Carol, “Destinos Deslocados” é uma declaração de amor à família. “Esta obra é antes de tudo uma prova pública da minha aceitação e gratidão pelos pais que tenho. Eles me ensinaram que é possível ser diferente e deram início à missão que pretendo honrar, oferecendo ao Brasil o que tenho de melhor: meus filhos”, declara.

DA SEMENTE AO FRUTO

A ideia de escrever um livro surgiu a partir de pedidos de amigos que a ouviam contar as histórias sobre o Líbano, a saudade do país de origem e dos familiares que lá permaneceram, os anseios pela nova vida no Brasil e os sentimentos de solidão do recém-chegado, os conflitos internos e em família, e a luta pela sobrevivência em terra estranha. Fatos que, certamente, todo imigrante ao ler a obra se identificará.

Foram quatro anos para concluir o livro, em um processo profundo, marcado por uma grande perda. “Meu pai adoeceu e veio a falecer durante esses anos e retomar a escrita era algo sempre muito doloroso e emocional. Falar dele era algo muito difícil, pois nossa relação foi sempre muito próxima e intensa”, explica.

Entusiasmo e incerteza foram sentimentos que acompanharam a autora ainda no ensaio dos primeiros capítulos do livro. Em meio a alguns encontros especiais, como o que teve com Ana Maria Diniz, apoio dos amigos e, em especial, dos filhos: Francesca, 23 anos, e Roberto Maluf Civita, 20. Alia Carol conseguiu dar sequência à obra, que contou

“A filantropia é um projeto social de longo prazo. Trata-se de uma manifestação concreta de amor à humanidade”

também com a ajuda do jornalista Mauricio Oliveira.

“Apesar de estar atendendo a pedidos, o livro foi escrito para mim e, certamente, para os meus filhos. Ele foi o encerramento de um ciclo da minha vida e o início de um novo, que pertence aos meus filhos. Acredito que eles tenham gostado muito de saber que escrevi algo pensando neles, mas tenho certeza de que no futuro entenderão bem mais a mensagem que quis lhes deixar. Saberão o porquê são do jeito que são. Espero que boa parte das perguntas que terão como adultos estejam lá respondidas”, diz Alia Carol.

Contente com a reação da família e a repercussão da obra, Alia Carol diz que gostou da experiência e que pretende escrever um novo livro, desta vez dedicado às mulheres. “Será especialmente para aquelas que ainda duvidam do seu potencial inesgotável como mulher”, adianta.

MAIS DO QUE LETRAS E NÚMEROS, UMA HERANÇA PARA TODOS OS POVOS

Apesar de ter adotado outra nacionalidade e deixado a pátria de origem, esperando assimilar as diferenças e se integrar ao Brasil, a escritora se considera nômade em busca de identidade. Uma

As atividades de Alia Carol têm o objetivo de formar no Brasil uma cultura de doação e conscientização social, a exemplo de iniciativas bem sucedidas em países desenvolvidos



libanesa do mundo: diferente tanto para os libaneses que ficaram quanto para os brasileiros. “Sou uma libanesa desatualizada em relação ao meu país de origem e uma brasileira tentando entender melhor o Brasil. Este foi também um dos motivos que me fez escrever o livro”, conta Alia Carol, que assim como seus pais, veio para ficar no Brasil e criar raízes. “Aqui plantei uma árvore, tive meus filhos e escrevi um livro. Não dá mais para ir a lugar algum”, arremata.

Ao se definir como uma libanesa no exílio, mas de coração certamente brasileiro, Alia Carol Maluf manifesta seu desejo de que a Nação seja realmente brasileira, independentemente das muitas origens de seu povo. “Temos que amar o Brasil intensamente, com orgulho e devoção, com obsessão e paixão, independentemente dos momentos clichês como futebol e carnaval. Temos que amar a laranja que nasce nessa terra, a água abundante e o sangue deste povo, que é a mistura perfeita, na dose exata”, afirma Carol, que é brasileira por opção, inclusive, perante a lei.

Preservar as tradições de seu país de origem parece ser uma preocupação constante para a

escritora, que vive no Brasil, desde os cinco anos. Em seu ambiente familiar, Carol faz questão de manter alguns costumes libaneses e diz que seus filhos lidam de modo positivo com a cultura de seus ancestrais. “Mesmo que eles não entendam, falo árabe, dou apelidos para eles e traduzo, conto histórias que meu pai me contava, coloco música árabe e digo para eles que os fenícios deram ao mundo as letras e os números. Eles acham o máximo”, conta.

Quanto ao resgate da cultura libanesa entre os descendentes que vivem no Brasil, Carol acha que, em tempos de internet e de facilidade no acesso à informação em outras mídias, é perfeitamente possível conhecer e se aprofundar na história de seus ancestrais.

A cultura libanesa é muito mais ampla e vai além da culinária, vestimenta ou música. “Nós somos história. Conhecer a história do Líbano e do povo libanês é também conhecer a história do mundo e dos povos. Digo isso sem exageros ou delírios. Buscar na história deste pequeno país informação sobre o mundo ocidental é muito mais enriquecedor do que se imagina”, esclarece.

Mesmo diante do atual momento do Líbano – de conflito político e luta pelo resgate da soberania nacional – Alia Carol enxerga com bons olhos o futuro de seu país de origem e espera que ele seja como no passado: um lugar sem barreiras sociais, onde as diversidades religiosas, culturais e geográficas convivam harmonicamente e a admiração se transforme em uma marca comum ao seu povo. “Meu pai dizia que o Líbano era bom demais para durar. Onde já se viu gente de todas as religiões se darem bem e se admirarem? Onde já se viu um país que tem neve e praia ao mesmo tempo? Onde já se viu um país com índice irrelevante de analfabetismo, onde o povo fala quatro idiomas com fluência e ainda quer dividir isso tudo com todos que encontra pela frente? O Líbano era assim e eu desejo simplesmente que ele volte a ser assim. Já foi possível um dia, por que não novamente?”, questiona. ■



Como ativista filantrópica, Alia Carol Maluf viaja o Brasil e o mundo palestrando sobre o assunto. Esteve em Washington - ao lado do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair - no centro da política mundial, assim como no Vaticano, falando para os líderes católicos

“ O Brasil tem que incentivar seus filantropos a investir em pesquisas médicas, vacinas e medicações, sem depender de outros países ”

Adriana Rizkallah

Memória paulistana

Descendente de um clã com profundas raízes culturais e artísticas, Adriana Rizkallah prossegue a tradição familiar. Ao lado do marido, está à frente da Casa da Boia Cultural, um marco de São Paulo e da comunidade síria e libanesa

“**N**asci e fui educada em um ambiente onde a educação, a arte e a cultura sempre foram priorizadas e estimuladas”, diz a artista plástica paulistana Adriana Abdalla Hannud Rizkallah. “Desde muito cedo convivi com ateliês e expressões artísticas, portanto as artes visuais fizeram parte da minha formação”, lembra.

A tradição cultural e artística da família de Adriana vem de Homs, na Síria, por parte de bisavós maternos e paternos - apenas a bisavó paterna era natural de Castellamare, na Itália. Aos doze anos de idade seu avô, Nabih, foi enviado pelo pai, Assad Abdalla, para estudar na Inglaterra e lá formou-se engenheiro têxtil, em Manchester. Enquanto a avó paterna, Maria Estefano Hannud, tornou-se pianista, formada pelo Conservatório Dramático Musical de São Paulo, onde foi aluna de Mário de Andrade.

Adriana formou-se em Artes Plásticas pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), e especializou-se em recuperação e restauro em São Paulo, Londres e Nova York. Atualmente

desenvolve trabalhos voltados à arte e design de superfície incorporados à processos sustentáveis e à tridimensionalidade da escultura - em papel machê, aliada ao cobre, matérias primas renováveis e plenas de possibilidades criativas. Nesse processo ela também inclui ações sociais de resgate ao ofício, às percepções e sentidos.

Um desses projetos concentra-se na área de inovações da tradicional e centenária empresa paulistana do ramo de metais não ferrosos, a conhecida Casa da Boia. Fundada há 122 anos pelo talentoso artesão - imigrante sírio com ascendência armênia - especializado no ofício de fundição em cobre, Rizkallah Jorge Tahan. Ele era avô do marido de Adriana, Mario Roberto Rizkallah. O casal criou a ação conhecida como Casa da Boia Cultural, cuja finalidade é perpetuar o movimento de constante levantamento, conservação e divulgação de seu acervo de documentos históricos, além de trabalhar a cultura. Incluíram a contratação de equipes especializadas e prosseguiram com restaurações de balcões, instalações em geral, moldes de madeira utilizados para confecção e fundição de materiais hidráulicos originais de 1909. Adriana cuida



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Adriana Rizkallah, formada em Artes Plásticas pela FAAP, é especializada em recuperação e restauro em São Paulo, Londres e Nova York



A Casa da Boia no início do século 20

O prédio em **estilo eclético**, com elementos “**Art Nouveau**”. É tombado pelo **Patrimônio Histórico Municipal** e funciona como sede da empresa

pessoalmente de um criterioso programa periódico de serviços de manutenção.

A Casa da Boia, em funcionamento desde 1898 no belo casarão da rua Florêncio de Abreu, 123, desempenhou papel fundamental na urbanização de São Paulo, fornecendo e fabricando produtos primorosos para hidráulica e decoração. O prédio em estilo eclético, com elementos “Art Nouveau”. é tombado pelo patrimônio histórico e funciona como sede da empresa, além de abrigar um importante legado documental histórico-cultural e patrimonial, deixado pelo fundador.

Imóvel e empresa permanecem nas mãos da mesma família, sob a cuidadosa gestão de Mario Roberto Rizkallah. Desde 1996 ele não mede esforços para manter o legado, tendo muitas vezes bancando sua preservação com recursos próprios.

O pai de Adriana, Mario Hannud, atuou como comerciante de tecidos na rua 25 de Março. Sua mãe, Vivian Abdalla Hannud, dedicava-se ao trabalho social, acreditando na importância de ações para as comunidades carentes. Foi presidenta do Hospital Sírio-Libanês e incluiu projetos sociais importantes como o “Abraça Seu Bairro”, entre outras ações de impacto. Muitos dos antepassados da artista se dedicaram e colaboraram com obras destinadas à comunidade, como o Hospital Sírio-Libanês, Hospital do Coração, Lar Sírio Pró Infância, Esporte Clube Sírio, Clube Homs e Catedral Ortodoxa, entre outras.

Adriana é mãe de uma filha de 22 anos, formada em Gastronomia, atualmente se especializando em confeitaria. “Certamente a culinária árabe, a relação de afeto e acolhimento familiar dos inúmeros almoços e reuniões de família, a influenciaram na escolha”, acredita a mãe.

Mesmo nunca tendo visitado a Síria, Adriana carrega grande orgulho e consciência da importância de suas raízes e a preservação da memória familiar. “Graças ao pioneirismo e coragem de nossos antepassados, independentemente das adversidades aqui encontradas – herdamos um grande patrimônio histórico-cultural, e devemos cuidar e protegê-lo para que continue a inspirar as futuras gerações”, finaliza. ■



Depois de um grande processo de conservação e restauro no edifício, o casal Mário Roberto e Adriana Rizkallah criou o Casa da Boia Cultural. A mostra “Entre papéis, fotografias e objetos: o acervo de Rizkallah Jorge Tahan”, foi homenagem ao avô de Mário Roberto

Cristina Beatriz Palis Duarte Martins

Mascates, cultura e negócios

A curiosidade, a vontade de aprender e empreender fazem parte da personalidade de Cristina Beatriz Palis Duarte Martins. Aos 60 anos, com um casamento bem-sucedido e filhos bem criados, quer viajar e fazer novas descobertas

A região de Uberaba, em Minas Gerais, é conhecida, entre outras coisas, pela sua grande colônia de descendentes de imigrantes libaneses e sírios. Pioneiros que vieram de terras distantes, ali se estabeleceram, iniciaram a atividade no comércio como mascates, revelaram-se grandes negociantes e prestaram grande contribuição para o progresso de Uberaba e cidades vizinhas. Hoje são nomes tradicionais, tendo conquistado lugar de destaque na história.

A empresária Cristina Beatriz Palis Duarte Martins é parte dessa história. Nascida em Uberaba, seus avós eram proprietários da Loja da Benção, famoso e respeitado ponto comercial. Sames, sua avó, não só era a esposa e companheira de Jacob Palis, como também recebia os clientes e, com delicadeza e bom gosto, cativava a todos promovendo as vendas. Oito filhos foram criados a partir do trabalho dedicado à loja da Benção, entre eles Jacob Palis Junior, cientista e matemático de prestígio mundial.

Cristina Beatriz cresceu nesse ambiente onde convivem negócios e cultura, e se orgulha disso: “Tive oportunidades únicas na minha juventude. Meus pais, muito avançados para a época, me deram a chance de morar no exterior por duas vezes. Primeiro como estudante de intercâmbio nos Estados Unidos, depois para estudar francês na Europa”. Ela acabara de ser aprovada no vestibular para Engenharia, mas trancou a matrícula e colocou os pés no mundo.

Os estudos foram retomados na volta, ela se casou, teve uma filha, seguindo a tradição familiar, convenceu o marido a adquirir uma loja de roupas infantis - dividindo a sociedade com as irmãs. “A loja que se tornou um ponto conhecido na cidade, assim como a do meu avô, adorávamos estar com os clientes”, lembra Cristina.

Dez anos depois, outra mudança de vida. Cristina deixou a sociedade com as irmãs e partiu com o marido para nova empreitada. Ele, que já era dono de uma revendedora de automóveis Volkswagen, comprou um posto de gasolina. “Mudei de negócio,



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Para a empresária Cristina Beatriz Palis Duarte Martins, viajar é fonte de inspiração

mas permaneci no comércio, está no sangue”, reconhece. O sucesso mais uma vez os acompanhou e hoje o casal possui uma rede de postos de gasolina. “Tenho orgulho e paixão pelo meu trabalho”, diz



Dona Lauanda Palis com as filhas e netas: Cristina Martins, Marcela Martins Brazil, Cristiana Palis, Maria Eduarda Trucharte e Eliana Trucharte

a empresária que vê hoje os três filhos participando dos negócios da família. “Marcela trabalha comigo, nos postos; Joaquim está na revendedora de automóveis e André cuida das fazendas. Valeu cada minuto de dedicação. Considero-me uma esposa e mãe realizada”, garante.

Depois de muito trabalho, Cristina e o marido aproveitam a vida viajando muito.

“Viajar sempre foi o meu desejo na vida desde criança. Considero uma das melhores maneiras de se adquirir cultura. Viajar é a minha sala de aula”, resume. E, por favor, não a confunda com um turista. Cristina escolhe muito bem os destinos de viagem e, graças à facilidade de se comunicar em mais de um idioma, gosta de frequentar os mesmos lugares que a população local frequenta. “Minha curiosidade é aguçada e isso sempre me ajudou na vida e no trabalho”, analisa.

Claro que o Líbano fez parte desse roteiro, mais de uma vez. Cristina recorda: “Em nossa primeira visita ao país, uma das surpresas mais lindas e inesquecíveis foi conhecer a cidade de Miniara, onde nasceu meu avô, na província Akkar. Devo um agradecimento eterno ao nosso guia, José, pela chance de localizar a família da minha mãe. Entre eles, conheci uma tia que estudou Matemática Pura e trabalha com isso. Eu digo que está no sangue, pois minha mãe também é dona de uma inteligência invejável”, celebra.

Para ela, o povo libanês é forte, não tem medo de enfrentar a vida e sabe recomeçar. “Começamos sós, mas com muita vontade de crescer e acredito que meus avós libaneses, mascates e vencedores, dominaram meu espírito e me guiaram”, finaliza. ■

“Viajar sempre foi o meu desejo na vida desde criança. Considero uma das melhores maneiras de se adquirir cultura”

CAMPOS DO JORDÃO - SP à 200 km de SP

 **GOLDEN PARK NACIONAL INN**
Campos do Jordão



reservas@goldenparkcampos.com.br
Reservas: (12) 3662.1615 - 3662.4088

Campos do Jordão
Rod. Floriano Rodrigues Pinheiro, 2000

FAÇA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS
POÇOS DE CALDAS - MG à 250 Km de SP

 **GOLDEN PARK NACIONAL INN**
Poços de Caldas



ALL INCLUSIVE



reservas@goldenparkpocos.com.br
+55 (35) 2101-9900

Avenida Vereador Edmundo Cardillo, 3608
Parque Vivaldi Leite Ribeiro

www.nacionalinn.com.br

Silvia Helena Domingos Cury

Amor, sabor & gratidão

Ela podia ter sido advogada, mas se rendeu às emoções da memória afetiva da culinária praticada por suas avós. Hoje traduz sentimentos familiares e o sonho do Líbano em gastronomia e ação social

Arte, história, música, turismo, espiritualidade, ciência e até tecnologia entram como ingredientes nas caçarolas da chef Silvia Helena Domingos Cury. “Realizo experiências gastronômicas”, explica ela, que comanda um serviço de catering personalizado e dá aulas de culinária em seu espaço Quintal Gourmand, em São Paulo, cidade onde nasceu há 49 anos.

“Conciliar a carreira com a família nunca foi uma tarefa sempre fácil. Principalmente porque sempre gostei de trabalhar em casa e ter minha cozinha atelier no meu fundo de quintal, meus filhos sempre estavam junto comigo, experimentando e me acompanhando nos quitutes, inclusive alguns deles ajudavam”, lembra a chef com carinho. Hoje, os filhos estão crescidos: Giovanna, 23 anos; José Guilherme, 21, e o caçula Leonardo, de 17. A mãe conta que uma das boas recordações dos filhos - e dos amigos deles - é quando faziam biscoitos de Natal, vendidos na feira de final de ano da escola.

A filha mais velha, publicitária, tornou-se chef de cozinha natural, formada em Nova York pelo NGI (Natural Gourmet Institute). “Estou orgulhosa por ela ter seguido esse caminho”, fez Silvia Helena, informando que seu filho do meio estuda Arquitetura enquanto o mais novo deve seguir o caminho do pai e estudar Economia. “Meu marido, José Roberto Cury sempre me apoiou e incentivou. Ele inclusive se deu o apelido de ‘Zé Cobaia’, mas na verdade ele se tornou meu crítico gastronômico. Aliás, ele entende mais de gastronomia que muitos críticos profissionais, pois apurou seus sentidos”, garante. Resmo da ópera: a família inteira participou da cozinha da mamãe chef.

Descendente de libaneses e sírios - de Beirute, Zahle, Trípoli e Damasco - Silvia Helena fala com muito orgulho e carinho das raízes e da maneira como foi criada: “A forma como minha família manteve os costumes libaneses foi através do amor por nossas origens, por nossos antepassados e do respeito pelos nossos pais. E, claro, também por intermédio da mesa”, conta.

Silvia Helena se formou em Direito, porém havia aquele forte traço de união familiar da



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Reunir a família em torno da mesa é parte da herança libanesa da chef Silvia Helena Domingos Cury



A chef com sua filha Giovanna, que seguiu os passos da mãe e se especializou em cozinha natural pelo Natural Gourmet Institute, em Nova York

“A forma como minha família manteve os costumes libaneses foi através do amor por nossas origens... E, claro, também por intermédio da mesa”

cultura libanesa, a comida. Segundo ela, o costume da família reunida em torno da mesa farta faz parte da identidade do povo: “Não nos deixa jamais esquecer quem somos”, define. Por isso acredita que o caminho que a levou até a gastronomia estava sendo traçado pelas delícias preparadas por suas avós. “Todo o afeto que elas sentiam, se traduziam nos pratos que cozinhavam elas e nos serviam e isso traz a memória afetiva que se reflete em meu trabalho e como me expresse na cozinha. Meus clientes e alunas sempre me dizem, e eu me sinto realizada, que minha comida vem carregada de amor”.

Durante a quarentena causada pela pandemia de Covid-19, a chef se engajou em movimentos de erradicação da fome e da pobreza, como o Prato Feito, além de uma ação de incentivo aos profissionais da Saúde que trabalham na linha de frente no combate à doença, chamado Manifesto do Amor.

No Líbano nunca esteve, mas foi até lá em sonho: “Lembro que era uma praia com a água mais azul que já vi, com uma encosta de pedra e edifícios de hotéis de luxo, que se dispunham como cascatas pela colina”, descreve. O mais curioso, é que já lhe disseram que esse cenário do sonho realmente existe.

A bisavó materna de Silvia Helena deixou Beirute aos 17 anos, recém-casada e o marido garantiu que era apenas uma viagem de lua-de-mel até o Brasil, onde visitaria seus irmãos. Eles só não contavam com a eclosão da II Guerra Mundial, que os impediu de voltarem à terra natal, de onde muita gente também estava migrando para outros países. Na sequência, uma sucessão de conflitos ocorreu no Líbano, sendo que o bisavô de Silvia Helena caiu doente e tudo isso fez com que eles ficassem no Brasil definitivamente.

“Minha bisavó faleceu sem ter voltado ao Líbano e eu tenho muita curiosidade em conhecer as cidades dos meus antepassados, apesar de até há pouco tempo acreditar que não existissem mais parentes morando por lá”, diz. Recentemente um primo de Silvia Helena fez exame de DNA

“As impressões que tenho do Líbano são de sonhos e relatos de antepassados e amigos que vão para lá e contam o que viram”

e descobriu parentes que vivem em Nova York. Passaram a se comunicar via Facebook e descobriram ter os mesmos antepassados. “Eram meus trisavôs paternos, que nunca vieram ao Brasil, e esses parentes nos informaram a casa da família, no norte do Líbano, ainda está intacta com outros parentes vivendo nela”, revela. Detalhe: a casa tem quase 300 anos. Também descobriram possuir raízes na cidade de Kfarhata – que significa, na língua siríaca, “casa do trigo”.

“As impressões que tenho do Líbano são de sonhos e relatos de antepassados e amigos que vão para lá e contam o que viram - e o que comeram. Uns dos meus projetos de vida é conhecer o Líbano”, conta Silvia Helena.

Dos antepassados que para aqui vieram, ela diz ter profunda gratidão: “Agora temos que viver nossas próprias histórias e superar nossos desafios nesse mundo atual, para que as futuras gerações sintam gratidão por nós também”, conclui. ■

www.quintalgourmand.com.br
Insta @quintalgourmand

Isabela Elias Nassif Barreto

Resiliência e fé na vida

A paulistana Isabela Elias Nassif Barreto, é executiva experiente em administrar conflitos e encontrar soluções. Herança dos antepassados que souberam se reinventar e enfrentar desafios

Com formação na área de música e educação - complementada por um MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas - Isabela Elias Nassif Barreto atua há 20 anos na área de saúde suplementar, como executiva comercial e de relacionamento com clientes. “Sempre tive uma facilidade muito grande de relacionamento e interlocução pessoal, negociação e concretização de negócios”, diz ela, salientando que seu forte é resolver conflitos e administrar situações difíceis, encontrando soluções que tragam valor às corporações, traduzidas em bem estar e saúde para clientes e seus colaboradores.

“Acredito na força das relações de negócios baseadas na honestidade, trabalho justo e muita qualidade”, resume. Para ela a satisfação no trabalho acontece quando obtém um acordo de negócio de valor para ambas partes: “É algo que me motiva e me renova diariamente”, assume.

No momento trabalha como executiva na eCare Group, empresa inovadora em programas

de saúde emocional e mental, e também uma das maiores redes de clínicas de psiquiatria e psicologia da América Latina. Nestes dias de pandemia, tem se dedicado ao apoio de indivíduos e corporações que promovem saúde mental e emocional, inclusive no ambiente empresarial, através do equilíbrio e bem estar.

Paralelamente, está envolvida em uma ação social, o projeto de Mentoria Colaborativa “Nós por Elas”, do Instituto Vasselo Goldoni (IVG), cujo propósito é conectar mentores a um grupo de mulheres com a finalidade de apoio e multiplicação de conhecimentos importantes para o desenvolvimento de carreira, de forma gratuita. “Já somos mais de 70 mentores em formação e esta é apenas a primeira etapa”, conta com entusiasmo.

E ainda participa dos negócios da família - no ramo de seguros - como sócia do marido, Eduardo Barreto, na área de benefícios da Carthagus Corretora de Seguros. “Sou prioritariamente dedicada à minha família, meu ponto de apoio e força, minhas referências de coragem para buscar a realização dos meus projetos”, declara. Diz que essa proximidade com os entes queridos é que



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A executiva Isabela Elias Nassif Barreto acredita na força das relações de negócios baseadas em honestidade, trabalho justo e qualidade



Isabela considera fundamental a importância da família na vida de todos

a levou a organizar melhor seu tempo, sendo seletiva nas tarefas no trabalho, delegando sempre que possível e contando com uma equipe de alta performance - baseando a relação profissional na confiança e respeito.

Isabela é descendente de libaneses vindos de Rachaya al-Foukhar, os irmãos Nassif: Baracat (avô materno), Jorge (bisavô paterno), Abdalla (também bisavô paterno), Davi e Karan. “Eles vieram para o Brasil e se dedicaram ao comércio de tecidos, como mascates, e ao cultivo de café, no interior de São Paulo - em São Roque e São José do Rio Preto - formaram família e deixaram um legado de muito trabalho e luta”, conta com muito orgulho. Conhecer a terra desses antepassados é um projeto que ela e o marido pretendem realizar em breve: “Será uma viagem em família, com parada obrigatória em Rachaya al-Fokhar, situada no distrito de Hasbaya, sul do Líbano, a realização de um sonho”.

Para Isabela, a força da superação e a capacidade empreendedora são marcas registradas da família e estão presentes em sua trajetória. “Cresci vendo a união dos meus pais para a criação dos três filhos - meu irmão Dario Elias Nassif é delegado de polícia e minha irmã, Luciana Nassif Cavichioli, é educadora e diretora de ensino. Devemos tudo que conquistamos aos nossos pais que não mediram esforços e sacrifícios para nossa formação em seu conceito mais amplo”, reconhece. Sua mãe, Janet Baracat Nassif, abriu mão de uma carreira profissional para se dedicar incondicionalmente à família, enquanto o pai, Altino Elias Nassif, foi policial militar, atuando na área da segurança pública e também privada durante grande parte da vida, até se aposentar aos 70 anos.

“Recebemos uma educação firmada nos conceitos da ética, trabalho árduo e amor ao próximo. A união e o apoio mútuo em qualquer circunstância da vida norteiam a nossa relação familiar. Somos descendentes da coragem e da fé, que nos impulsiona a seguirmos em frente, desviarmos dos obstáculos, nos reinventarmos e nos adaptarmos a cenários cada vez mais desafiadores. Nossa vocação à solidariedade, nossa preocupação e amor ao próximo, são reflexos do sangue que corre em nossas veias e nos remete às nossas origens”, conclui. ■

“ Nossa vocação à solidariedade, nossa preocupação e amor ao próximo, são reflexos do sangue que corre em nossas veias...”



O LÍBANO
É NOSSA
PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/

Karina Younan

Corações e mentes

Psicoterapeuta por profissão, brasileira de nascimento e libanesa de coração, Karina Younan é voltada para o ser humano. Através da psicologia auxilia pessoas a encontrarem seu propósito de vida

“**T**enho 47 anos e sou psicoterapeuta há 24 anos, formada pela PUC de Campinas com especialização em psicodrama pela Febrap, além do mestrado em Ciências da Saúde. Atualmente faço doutorado pela Famerp, faculdade de medicina em São José do Rio Preto, cidade onde nasci e resido até hoje.

Vejo com enorme satisfação a Psicologia adentrando em todas as especialidades médicas e sendo pauta em todos os setores de nosso dia a dia, dos relacionamentos e educação dos filhos à gestão de negócios, atendimento ou vendas, qualidade de vida e autoconhecimento. Muito diferente do cenário quando estudei, discriminado, como se a psicologia fosse uma pseudociência ou charlatanismo abstrato. Nos congressos de várias especialidades médicas, se alguém dissesse que as doenças advinham do emocional do indivíduo, era desacreditado

ou ridicularizado. Hoje, graças ao avanço dos estudos e do conhecimento, que minha geração também ajudou a alavancar, se essas mesmas especialidades não citarem os aspectos emocionais dos sintomas e doenças, talvez sejam considerados desatualizados por seus pares. Fico muito satisfeita de ver a Psicologia avançar dia a dia no campo da luz e do conhecimento popular, estigmas sendo combatidos e as pessoas podendo viver melhor.

É realmente gratificante participar do auxílio psicológico, um privilégio e uma grande responsabilidade participar da vida íntima e emocional das pessoas para ajudá-las a abrir as portas dos acontecimentos passados e suas influências no aprendizado, pensamento e sentimentos. No Existencialismo, minha linha de atuação, o passado da pessoa é explorado mas a terapia não é centrada nos traumas e complexos inconscientes e sim em como a razão pode intervir como alavanca de auxílio para o indivíduo alcançar quem ele gostaria de ser. Ajudar a sonhar de novo, em vez de analisar sonhos.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A psicoterapeuta Karina Younan considera um privilégio - e uma grande responsabilidade - poder auxiliar as pessoas em sua vida pessoal

O trabalho de Karina está em aulas, artigos, vídeos, palestras e agora lives



“Tenho muito orgulho de nossa descendência batalhadora... que atravessou vários continentes e veio se estabelecer aqui”

Nessa modalidade de apoio, aprendizado, empatia, refletir juntos numa dinâmica de autoconhecimento, reconhecimento e principalmente confiança. Caminhamos juntos, criamos laços de afeto, fazemos parte da vida das pessoas nos seus momentos difíceis e as fazemos se transformarem. Recebo tantas cartas e agradecimentos que posso dizer que meu trabalho deu um novo e grande sentido à minha vida. É muito bom ser útil e ver as pessoas se tornar felizes e satisfeitas em suas vidas. Descobri o propósito da minha vida ajudando outras pessoas a encontrar o delas.

Fiz Psicologia por incentivo de meu pai, que é médico e esteve em contato com esta modalidade de tratamento durante sua experiência profissional, acreditando ser de grande valia para as pessoas o entendimento de razões inconscientes para os dilemas e problemas da vida, sejam pessoais ou profissionais. Ele foi um grande incentivador das pessoas buscarem a própria análise e seu fascínio me despertou o interesse, hoje paixão, pela profissão.

Meu trabalho tem sido divulgado através de aulas, artigos, vídeos, palestras e agora lives, fazendo sempre uma crítica social e ponderações sobre comportamento humano e suas patologias, mas especialmente os dilemas amorosos e de relacionamento interpessoais, temas principais de meus artigos na atualidade.

Meus avós vieram do Líbano. Minha avó, da família Haddad, é de Zahle, no vale do Bekaa, e meu avô é de Bekarzla, na província de Akkar. A cultura libanesa está incrustada em nossos hábitos e costumes, nos primos que se beijam ao se cumprimentarem, às comidas que servimos, o afeto extremado uns pelos outros, a música. Não existe como separar toda essa tradição que veio com eles, pois está presente em meu dia a dia e em meu modo de ser. Tenho muito orgulho de nossa descendência batalhadora, mercantil, desbravadora e ousada, que atravessou vários continentes e veio se estabelecer aqui. Da cultura alegre e comerciante, tão fundamentalmente ligada aos filhos e à família como um valor maior.” ■



Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel
CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Orientador de Nutrologia e Longevidade

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo, Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal nas cidades de São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

CONTATOS

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO • SP
RUA REDENTORA, 3106 • TEL : 17-3512.1970

SÃO PAULO • SP
AV. ANGÉLICA, 2491, 9º ANDAR
RUA JOAQUIM FLORIANO, 413, 9º ANDAR
TEL: 11- 2592.2920 E 11-97094.3029

RIO DE JANEIRO • RJ
RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, 190
CLÍNICA CONSULTARE • TEL: 11- 98378.0126

BRASÍLIA • DF
CENTRO MÉDICO L2 SUL SALA 201
TEL : 11- 98378.0126

SITE: WWW.DOUTORGABRIELCARDIO.COM.BR
BLOG: WWW.CORACAOMODERNO.COM.BR

Maísa Zakzuk

Sobre ancestralidade e empatia

Profissional de TV e escritora, Maísa Zakzuk utiliza a rica herança imigrante em seu trabalho. E afirma: “Quando nos orgulhamos de nossa origem também respeitamos a origem do outro”

A escolha de Maísa Zakzuk pelo curso de Rádio e TV - na FAAP - não foi por acaso. Ela sempre estudou música, completou o piano clássico e imaginava cursar faculdade de Música. Porém, aos 16 anos, tinha formado uma banda, se apresentava em festas e acompanhava uma cantora. Foi assim que começou a frequentar estúdios de TV e se encantou com o mundo dos shows e programas de variedades.

Aos 19 anos, ingressou na TV Cultura, em São Paulo, estagiando por dois anos seguidos em programas educativos. Ao terminar a faculdade, foi convidada por outra empresa para trabalhar com Eventos Culturais. Permaneceu apenas um ano e voltou à TV Cultura, onde ficou por 12 anos. Nesse período, trabalhou na produção e direção de diversos programas infantis e se especializou na área de educação e entretenimento. Dirigiu prestigiados títulos infanto-juvenis (a emissora possui excelência nessa área de programação) como

o “X-TUDO” e o “ILHA Rá-Tim-Bum” (a terceira fase da marca registrada da Cultura). Deixou a emissora em 2002, transferindo-se para o Disney Channel, TV por assinatura, assumindo a direção do programa “Zapping Zone”.

Depois de um ano, tornou-se profissional freelance, como roteirista, editora, produtora e diretora. Paralelamente, desde 2000, dedicava-se à literatura infanto-juvenil.

Maísa é paulistana do bairro do Paraíso e atualmente, mora em Perdizes, na zona oeste da capital, com marido, o jornalista, escritor e apresentador Marcelo Duarte - autor da série best-seller, “Guia dos Curiosos” - e o filho Antônio Zakzuk Duarte, de 14 anos. Sua ascendência é síria e libanesa.

Os avós paternos, Amin Zakzuk e Mehje Zelawi Zakzuk, vieram de Damasco e, apesar de serem parentes, se conheceram em São Paulo. Casaram-se e tiveram apenas um filho Antônio Amin Zakzuk, depois de seis tentativas. Os Zakzuk moravam na região da rua 25 de Março, no edifício Palacete



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Na TV Cultura, Maísa Zakzuk permaneceu por 12 anos trabalhando produção e direção de programas infantis como um dos produtos da vitoriosa série Castelo Rá-Tim-Bum

O livro de Maísa Zakzuk, "Eu Estou Aqui", traz histórias de 12 crianças filhas de refugiados, vindas de diferentes partes do mundo



A herança árabe é motivo de orgulho para Maísa Zakzuk: “Quando nos orgulhamos de nossa origem também respeitamos a origem do outro”

Nassim Schoueri, próximo ao Mercado da Cantareira, o famoso Mercadão. A maioria da vizinhança era estrangeira, formada por imigrantes vindos de diversos países.

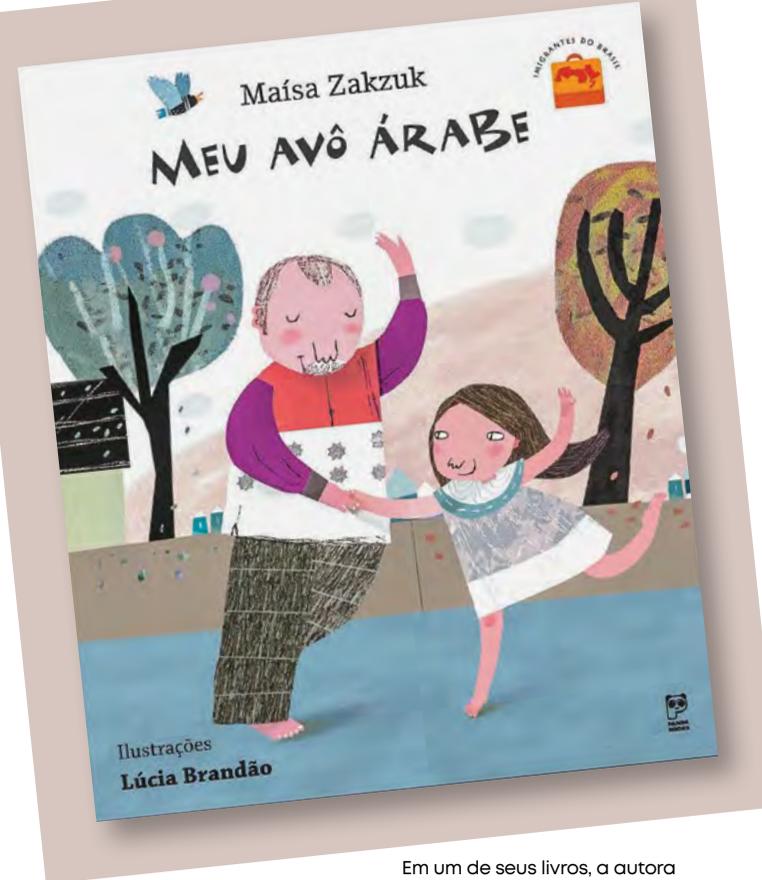
Foram se estabelecendo no comércio. O avô Amin foi de camelô, a vendedor, de dono de loja de tecidos a dono de loja de esfihas. O pai Antônio cresceu como também como comerciante e se estabeleceu no ramo de móveis sob medida, na zona leste paulistana.

Os bisavós da escritora também eram imigrantes, ele libanês e ela portuguesa. O avô, José Simão, foi comerciante de ferragens e louças, além de juiz de paz.

Maísa tem um lema: “Trabalhe naquilo que gosta e não se sentirá trabalhando”. Assim, acumula as funções de radialista, diretora, produtora, autora de livros infanto-juvenis e criadora de conteúdos educativos e culturais. No momento, está em divulgação um novo título, “Eu Estou Aqui” (Editora Panda Books), lançado em outubro de 2019, que traz histórias de 12 crianças vindas de diferentes partes do mundo, filhos de refugiados que vieram para o Brasil. Um material inédito no país, destinado a discutir deslocamento, imigração e refúgio, um tema tão urgente. São histórias comoventes de crianças vindas da Síria, Palestina, Líbia, Marrocos, Angola, Congo e Venezuela, entre outras partes do mundo.

Também atua em escolas, fazendo encontros com professores e alunos, leitores de “A Árvore da Família”, seu best-seller que traz o conceito de genealogia. Trata-se da história da família Zakzuk e já vendeu mais de 100 mil exemplares. Na Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, Maísa desenvolveu o projeto de Oficina de Genealogia de resgate de origens.

Curiosa em tempo integral, a autora tem contato frequente com familiares do mundo todo, sempre descobrindo novas histórias. Encontrou parentes, até então desconhecidos, na Colômbia, no Canadá e nos Estados Unidos e foi até lá para encontrá-los. Ainda não teve oportunidade de ir a Damasco, encontrar a origem da sua árvore genealógica. Será a concretização de um sonho



Em um de seus livros, a autora narra a história de um avô e sua neta: importância das raízes familiares ao longo das gerações

quando puder visitar não somente a Síria, mas outros países árabes. Já se sente preparada de tanto. Quem sabe, por meio de um trabalho. Acredita que “tudo o que eu sonho, faz acontecer!”.

“Costumo dizer que ‘sou muito árabe’ e meus pais me acham parecida com minha avó, Mehje. Até a voz grave dela eu tenho”, conta. Essa herança árabe é motivo de orgulho para a escritora: “Quando nos orgulhamos de nossa origem também respeitamos a origem do outro”, afirma. Esse aprendizado veio de seus pais. “Meu pai viveu em um prédio com japoneses, judeus, alemães e italianos. Todos eram vizinhos camaradas. Trocaram comida, favores e costumes. Pura lição de respeito e compartilhamento”, conta.

Segundo ela, não há nada mais bonito em uma pessoa do que a educação. E acredita que família é o maior tesouro que temos nas mãos. “Quando você respeita sua família, você respeita seu trabalho, sua equipe, seu patrão e seus funcionários”, resume. Com a família ela aprendeu o que hoje tem nome: “empatia”, colocar-se no lugar do outro. Maísa espera continuar passando esses conceitos para seu filho, que se chama Antônio, como o avô. ■

Alessandra Duailibi

Moda, diversão & arte

Descendente de dois clãs culturais proeminentes de São Paulo, a jovem Alessandra Duailibi elegeu o mundo do estilo como expressão e profissão

“**S**empre me interessei por moda, seu processo criativo e sua interdependência com a sociedade, expressada através das ruas, revistas, cinema, arte e cultura em geral”, diz Alessandra Zanotto Duailibi. Aos 26 anos - designer e pesquisadora de tendências - ela começa a trilhar um caminho na indústria, como assistente de estilo da À la Garçonne, marca que tem como diretor criativo o renomado estilista Alexandre Herchovitch.

Paulistana, Alessandra tem bisavô libanês, Wadih Galeb Duailibi, nascido na cidade de Zahle, enquanto sua bisavó, apesar de nascida em São Paulo, foi criada em Baabdá, no Líbano. Ela não conhece a terra dos antepassados, mas avisa que pretende viajar até lá assim que for possível.

Criada em uma família totalmente aberta para o mundo da cultura e da arte, Alessandra conta que o processo criativo sempre fez parte de seu dia-a-dia. Além disso, contou com o privilégio de, desde criança, fazer muitas viagens e ir anualmente a Nova York, visitando museus, galerias, teatros e, principalmente “observando a moda nas

ruas”. Uma base cultural rica e diversificada que aguçou a criatividade que hoje pode expressar profissionalmente.

“Meu avô (o publicitário Roberto Duailibi) sempre conversou comigo sobretudo, demonstrando a saída criativa, como solução para os problemas, e a força do poder de um pensamento estruturado, lógico, com palavras adequadas”, lembra com orgulho. Ao mesmo tempo, sua avó materna, a crítica de teatro Ilka Marinho Zanotto, tratou de apresentá-la ao mundo das ideias. “Meus pais também transitam no mundo das artes plásticas, produção cultural e criação de conteúdo audiovisual, então esse mundo esteve diariamente disponível para mim”, ressalta Alessandra.

No momento ela se prepara para um novo passo na vida adulta, deixar a casa dos pais e encontrar um lugar para chamar de seu. “Meu tempo livre eu divido entre meus dois cães amados, Bowie e Dot, e consumo de livros, séries e filmes, sempre atenta à moda e suas várias facetas”, conta. Ah, e também não perde os almoços de domingo na casa dos avós: “Já virou tradição”, define. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

A talentosa Alessandra Duailibi cresceu em uma família totalmente voltada para o mundo da cultura e da arte

Isabel Sued Perrin

Da geração pão com cocada

Diretamente da França e com exclusividade para Carta do Líbano, a carioca Isabel Sued falou do projeto que finaliza no momento: o documentário sobre seu pai, o lendário Ibrahim Sued, primeiro e único

Madame Isabel Sued Perrin é brasileira e vive na região da Provence, na França. Mais precisamente em Châteaufort, onde seu marido, François Perrin, é produtor de vinhos. Inicialmente ela queria ser médica, mas interrompeu os estudos para cuidar dos filhos. Mais tarde, optou por outra profissão e se formou em Jornalismo. Por isso, no momento, dedica-se à realização de um filme documentário sobre personagem muito caro para a memória brasileira e ainda mais especial para ela: seu pai, o icônico colunista social carioca Ibrahim Sued (1924-1995).

“Estou finalizando o documentário e por isso montei uma pequena empresa produção. Apesar da pandemia e mesmo vivendo na França, pude continuar trabalhando no filme”, conta Bebel, como era conhecida em sua cidade natal, o Rio de Janeiro,

quando fazia parte da geração “pão com cocada”, termo cunhado por seu pai, na coluna de “O Globo”. “Pão” na época era gíria para “homem bonito”, enquanto “cocadinhas” eram as garotas bronzeadas o ano inteiro pelo sol da Cidade Maravilhosa.

Um contraponto e tanto, quando ela conta como foram os meses de confinamento na França, por conta da pandemia de Covid-19: “Apenas os serviços essenciais funcionavam e podíamos sair apenas uma hora por dia e com uma justificativa impressa assinada”. Isabel aproveitou o período para refletir e meditar. “Caminhei muito entre os vinhedos, vi mais lebres, perdizes, faisões e até um cervo. Pude ter uma consciência maior da fragilidade do nosso modelo de civilização e isso me aproximou mais da natureza. Penso na solidariedade, em um mundo melhor que se reinventa a partir da agora e agradeço os momentos felizes. Sempre tenho saudades dos meus filhos, da família e dos amigos, mas graças à tecnologia podemos, mesmo longe, nos unirmos cada vez mais”, acredita.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Isabel Sued é a guardiã da memória de seu pai, o lendário jornalista Ibrahim Sued, primeiro e único



Na França, onde vive, Isabel finaliza o documentário sobre a vida e a obra do pai famoso

No documentário Isabel conta a história do filho de um imigrante libanês que, com muito trabalho e humildade, conseguiu abrir as portas do mundo

Isabel Sued não sabe exatamente de onde exatamente vieram os antepassados imigrantes que chegaram e se estabeleceram no Rio de Janeiro. Mas já esteve no Líbano e gostou muito: “Ficamos uma semana e fomos muito bem recebidos pela família Étienne Debbané, importador dos vinhos do meu marido”, conta. O que mais a impressionou foi a generosidade e o lado humano do povo libanês. “Talvez seja o convívio com tantas religiões diferentes, pois apesar do sofrimento das guerras, o povo é muito positivo e isso fica nítido no ‘savoir-faire’ libanês”, arrisca. Ela se diz particularmente fã da culinária do país e lembra que quando criança o pai a levava nos melhores restaurantes de cozinha árabe do Rio. “Apesar da minha tia, irmã dele, e minha mãe cozinharem divinamente bem”, ressalva.

Além de ser um tributo ao jornalista Ibrahim Sued, o filme também uma forma de Isabel homenagear as raízes libanesas: “Tenho grande orgulho fazer parte dessa grande comunidade no Brasil”, afirma. No documentário ela conta a história do filho de imigrante que, com muito trabalho e humildade, conseguiu abrir as portas de um mundo que ele não conhecia pelo qual foi rejeitado algumas vezes.

Era a década de 50, época em que as pessoas compravam jornal diariamente para se informar e o Rio de Janeiro ainda era a Capital Federal. No início de sua trajetória, Ibrahim foi assistente de fotógrafo e apresentava um programa de rádio chamado “Boite Piraquê”, onde ia nos bailes dos clubes da cidade e narrava os acontecimentos para os ouvintes.

Mas o que levou Ibrahim ao sucesso no jornalismo foi a maneira nova de fazer coluna social. Simplificou a linguagem, tornando-a mais coloquial e vibrante, próxima ao jeito de falar dos leitores. Aliás, ele era um craque para criar expressões que caíam no gosto popular desde os salões elegantes até as quadras de escolas de samba, como “de leve”, “depois eu conto”, “em sociedade tudo se sabe” e o ainda usado “sorry, periferia”.

Isabel cita outras novidades introduzidas pelo pai na cobertura do *high society*: “Ele reduziu as notas em pastilhas, começou a entremear acontecimento sociais com informações sobre política, economia

Na década de 1960, já famoso, comandou um programa ao vivo na TV Rio, escreveu livros, virou personagem da vida carioca e ditava moda

e moda. Acima de tudo, ele procurava dar a notícia em primeira mão, o furo”.

Na década de 1960, já famoso, comandou um programa ao vivo na TV Rio, escreveu livros, virou personagem da vida carioca e ditava moda. Nos anos seguintes, repetiu o expediente da TV nos telejornais da Globo e no Fantástico, se despedindo do público com outro bordão célebre: “Ademã, que eu vou em frente!”. Ibrahim Sued se transformou em uma verdadeira grife do jornalismo e do café society.

“Minha mãe (Maria da Glória Drummond Sued) acompanhava o ritmo do meu pai e ajudava levantando notas sociais, anotando informações em pedaços de papel que depois passava para ele”, lembra Isabel. O colunista tinha seu próprio escritório, em Copacabana, onde apurava as notas e datilografava o texto, que era colocado em um envelope e levado diretamente para a redação de “O Globo”.

E seu posto avançado era a piscina do Copacabana Palace, onde observava o movimento, encontrava os amigos e reinava absoluto. Resumindo: Ibrahim marcou época e fez história. ■

Adriana Nassif Garib

O chamado do Oriente

A dentista Adriana Nassif Garib não tem dúvidas que herdou o alto astral que seus antepassados encontraram no Brasil. Por isso, assim que puder pretende conhecer a terra dos Cedros, da qual muito se orgulha

“**A**inda não tive a oportunidade de conhecer o Líbano, que considero a Pérola do Oriente, um país maravilhoso, na cultura, na gastronomia e ainda mais porque meus avós eram imigrantes que foram bem sucedidos e muito felizes no Brasil”, diz a dentista mineira, Adriana Nassif Garib.

Ela retoma as raízes libanesas da família falando de seus avós imigrantes que chegaram ao país em 1920 e se estabeleceram em Belo Horizonte. Os paternos: Michel Garib e Mariam Murad Garib, naturais de Rachaya al-Foukhar, no sul do Líbano, e pais de Farid Garib. E maternos: Emílio Nassif Elias - conhecido no comércio de BH como o “leão das casimiras” ou “o rei das casimiras” - nascido em Mtain, no Monte Líbano; e Widdad Elias, nascida em Ijdita, no vale do Bekaa, pais de Maria de Lourdes Nassif. E faz questão de citar os bisavós maternos Nacif Elias Kharrat, também comerciante de tecidos, casado com Tacla Haddad Elias.

A trajetória profissional de Adriana é igualmente bem-sucedida como a dos antepassados. Odontóloga há 16 anos - a mesma profissão de seu pai, Farid Garib - recentemente inaugurou uma clínica com três consultórios, na região da Savassi: “Onde atuo

como especialista em Implantodontia e Estética Dental (lentes de contato e harmonização facial)”. Ela conta que desde criança queria ser dentista. Sua mãe, Maria de Lourdes, é professora de yoga, formada em Letras - Francês/Português - e cantora lírica. “Ela estudou com o professor Nino Crimi, que foi aluno do grande Enrico Caruso, na Itália”, conta.

“Meu principal projeto no momento é dirigir a clínica com profissionais selecionados em cada especialidade”, comenta entusiasmada. Na vida civil, é casada desde o ano passado com o médico Daniel Rodrigues - natural de São João Del Rey - e pretende ser mãe em breve. “Posso conciliar perfeitamente lar e profissão, pois adoro crianças”, avisa.

Os planos não param por aí, pois pretende finalmente conhecer a terra de seus antepassados na companhia do marido e filhos. “O Líbano é um país de grande cultura, com suas raízes de comerciantes que vêm dos tempos dos Fenícios, além de possuir grandes escritores como Khalil Gibran. Eu me sinto orgulhosa de pertencer a esse povo progressista e intelectual”, declara sem falsa modéstia.

“Futuramente estarei lá. Viva o Líbano!”, finaliza. ■

***Clínica Adriana Nassif, avenida Cristóvão Colombo 550 sala 310, Savassi – BH – Telefone:031 3222.9599**



FOTO: FARID AUN

Adriana Nassif tem uma trajetória profissional de sucesso como odontóloga, há 16 anos, em Belo Horizonte

Vera Maria Haj Mussi Augusto foi secretária de Cultura do Estado do Paraná durante dois mandatos



FOTO: DIVULGAÇÃO

Vera Maria Haj Mussi Augusto

A educação como herança

Neta de libaneses, Vera Maria Haj Mussi Augusto chegou a ocupar o cargo de Secretária de Cultura do Paraná por oito anos. Nesse período, construiu 300 bibliotecas nos pequenos municípios do interior do Estado. E hoje, inspirada pelo pai, continua em sua trajetória pela educação e pela cultura

Vera Maria Haj Mussi Augusto, 78 anos, é uma das mulheres inspiradoras desta edição especial da Carta do Líbano. E sua trajetória é relatada em detalhes por essa neta de libaneses, natural de Castro, no interior do Paraná, que fez da educação e da cultura o seu ideal de vida.

O pai Felipe Haj Mussi Filho era promotor de Justiça em Castro, quando ela nasceu. Mas desde os nove anos, Vera mora em Curitiba. Seus avós eram libaneses. Vieram de Gbeil (Biblos) e Beirute. “Não tenho certeza da cidade de meus avós paternos, ouvia relatos de que eram das montanhas e um primo afirmava se tratar de Zahle”, recorda ela.

Embora vivesse em Castro e na capital paranaense, sua infância remete à cidade de Cornélio Procopio. “Tenho memórias muito felizes deste tempo, tingidas pelo pó vermelho. Ainda guardamos as amizades daquela época, porque verdadeiras, o tempo e distância pouco importam. Lembro do perfume do café, e este é um gatilho que me leva àqueles tempos. É um cheiro que me marcou profundamente. Desde então, não admito leite em meu café. Minha bebida é uma homenagem ao trabalho quase ritualizado de colher, secar, peneirar, descascar, à experiência doméstica de torrar e moer o próprio café”, descreve como se viajasse no tempo ao sabor da bebida.

O AMOR POR APRENDER E ENSINAR

Uma das primeiras memórias de Vera é de seu pai Felipe, lendo, lendo muito. “Isso despertou em mim este desejo pela leitura. Naquele tempo não se colocavam as crianças tão cedo na escola. Meu pai então contratou uma professora particular para atender ao desejo da filha e, aos cinco anos, descortinei o universo da leitura, que até hoje me fascina, entretém e desafia”, ressalta.

Chegada à época, começaram as tratativas para internar a menina Vera no Colégio Santa Marcelina em São Paulo. Naquele tempo, o Norte do Paraná era muito mais ligado a São Paulo do que a Curitiba. “Novamente, meu pai interferiu. Como ele se ressentia de sua experiência em internato, não desejava o mesmo para a filha. Foi então, e por este

motivo, que nos mudamos para Curitiba”, lembra, com carinho.

Vera foi, então, estudar no Divina Providência. Era um ótimo colégio, mas o início das aulas havia sido um pouco traumático. “Eu era uma menina do interior que puxava os ‘erres’. A despeito do que uma freira identificou como caipirismo, tirava excelentes notas e estava mais adiantada do que as alunas desta freira. Minha irmã Eneida, dois anos mais nova, sempre foi muito retraída. Por conta disso, eu a levava até sua sala e esperava sua professora chegar. Outra freira, está um amor de pessoa. Minha professora de então, não sem certo sadismo, descontava pontos por meu atraso, apesar de conhecer toda a situação. Era outra época, os pais não interferiam na relação escola-aluno. Tínhamos que lidar com isso”, lamenta.

Outra lembrança destacada por Vera é que, naquela época, fazia-se exame de admissão ao ginásio. Ela e mais duas alunas pularam o 5º ano. Foi então para o Colégio Sion, fazer o curso Normal, que era o que normalmente as meninas faziam. “Paralelamente ao curso, sempre me voluntariei para as mais diversas atividades que o Colégio promovia. Desde que estudava no Divina comecei a desenvolver miopia, que se acentuou neste período. Um oftalmologista recomendou então que eu tirasse um ano sem estudar, para tentar conter o avanço. Como era a mais nova da turma não achamos problema. Foi um período em que dava aula particulares. Efetivamente, eu me tornei professora”, revela Vera.

Depois deste ano, Vera decidiu cursar uma faculdade. Seu desejo inicial era fazer Direito. Era incentivada pelo pai, um homem à frente de seu tempo. “Ele costumava repetir que ‘mulher não precisa se casar, mulher precisa estudar’”, cita, com orgulho. Mas a mãe Lilita era muito conservadora e a faculdade de Direito tinha pouquíssimas mulheres. Mas Vera entendeu a solicitação da mãe: “pode-se relevar este conservadorismo levando em conta sua história. Minha mãe perdeu a própria mãe aos 8 anos. Meu avô contou com a ajuda das freiras polonesas do Abranches para ajudá-lo a criar sete meninas e um menino. A repressão e os limites foram a forma que ela aprendeu para educar. Entre a faculdade “imprópria” e não estudar acabei num meio termo. Fui estudar História”.

Sobre os pais, Vera retrata um misto de compreensão e orgulho pela herança recebida. “Minha mãe Lilita, sempre foi uma mulher conservadora, mas foi se atualizando com o tempo. Como já disse, papai era um homem à frente de seu tempo; sempre muito carinhoso e ponderado, gostava de se posicionar contra o que conversávamos, só para incentivar a fundamentação das nossas opiniões”, conta.

Vera, então, fez vestibular e foi aprovada. Na faculdade, recebeu o convite do professor Loureiro Fernandes para ser sua auxiliar de pesquisa. Nessa mesma época conheceu seu marido Henrique Augusto, em um chá da Engenharia, que era tradicional na cidade. “Como estava noiva e a pesquisa antropológica do prof. Fernandes envolvia viagens a campo para estudar populações indígenas, acabei não aceitando. Não sei dizer se é arrependimento, mas penso que naquele momento abri mão de uma carreira acadêmica”, pondera ela.

Continuou a dar aula. Após o nascimento do primeiro filho, pediu licença. Na sequência, teve mais quatro filhos. Foram cinco em um intervalo de oito anos, o que resultou no afastamento temporário das salas de aula. Manoel Felipe, Lilita Maria, Gustavo

“Em minhas aulas, procurava ensinar a dinâmica e a lógica dos acontecimentos, a construção da história...”

Henrique, Vera Carolina e Paulo Otávio são seus filhos. “Eles não gostam de nomes duplos e reclamam até hoje. E eles me deram oito netos Fernando, Felipe, Mariana, Lucas, Bernardo (neto de minha irmã), Tiago, André e Henrique”, detalha. Vera foi casada durante 52 anos com Henrique Augusto, já falecido. “Tivemos a felicidade de formarmos essa família. Não tenho vergonha de dizer que sou muito ‘coruja’ e acho todos maravilhosos. Uma das minhas maiores alegrias são as reuniões quando estamos todos juntos. A vida nos traz surpresas, nem sempre agradáveis, mas os filhos e netos são as bênçãos que Deus nos concede na nossa caminhada”, diz, com ternura.

POLÍTICA NO DNA

Outra herança do pai foi a participação política. “Meu pai foi prefeito de Jaguariaíva, onde nasceu. Nossa vinda para Curitiba foi mediada pelo meu tio José Manoel Ribeiro dos Santos que foi secretário de Saúde, deputado e presidente da Assembleia Legislativa. Também do lado materno, meu tio Washington Mansur foi vereador e teria avançado na carreira não tivesse falecido aos 41 anos. Meu irmão tinha uma militância muito ativa no enfrentamento da ditadura. Foi através dele que no início dos anos 80 fui chamada a contribuir em nos grupos de estudo que iriam gerar o plano de governo de José Richa”, recorda.

Era um outro tempo, quando o jeito de fazer política era diferente. Vera relata que o plano de governo levou dois anos sendo debatido e gerado. Pensava-se em chegar ao poder para, através da política, transformar a vida das pessoas para melhor. E nosso método era a democracia e a afirmação de direitos do cidadão. Inicialmente, fui participar do grupo da educação, mas a questão da condição feminina se impôs. “As meninas de hoje não têm noção, mas muito da possibilidade de igualdade de gênero foi conquistada no processo de redemocratização do Brasil”, analisa.

Com a vitória de Roberto Requião para a Prefeitura de Curitiba, Vera foi convidada para ser Secretária da Mulher, mas a Câmara Municipal não concordou com a criação dessa pasta. “Passei a atuar, então, como assessora do Prefeito para as questões que vinham das mulheres. Uma das

marcas foi inaugurar creches toda quinta-feira”, destaca, com orgulho.

Depois disso, voltou a dar aulas de História. “Sempre procurei fugir da história linear concentrada em datas decoradas. Em minhas aulas, procurava ensinar a dinâmica e a lógica dos acontecimentos, a construção da história nas palavras de Peter Burke. É uma enorme satisfação encontrar ex-alunos e ouvir que passaram a gostar de história a partir das minhas aulas”, comenta ela.

“De primeiro de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2010, tive a honra de ser Secretária de Estado da Cultura no Paraná. Um dado que resume nossa gestão foi tema de reportagem na “Gazeta do Povo”; de todas as secretarias de governo, só a Cultura executou 100% do orçamento planejado todos os anos. Trabalhamos muito, não desperdiçamos um centavo. Todo recurso virou ação cultural para os paranaenses”, orgulha-se.

E entre as ações realizadas ao longo de suas gestões, Vera destaca a construção das Bibliotecas Cidadãs. “Foram cerca de 300 bibliotecas nos pequenos municípios do interior do Paraná, onde a leitura e o acesso à internet eram mais necessários. Sei o que a leitura fez por mim e procurei facilitar o mesmo para o maior número de pessoas”, ressalta.

Além da área cultural, Vera sempre teve envolvimento com a questão das mulheres. Participou da elaboração e criação dos Conselhos da Condição Feminina de Curitiba e do Paraná. Como vice-presidente do Conselho do Paraná, esteve no evento da ONU em Nairóbi e, como presidente, no evento da ONU no Cairo, onde também representou o Governo do Estado. “Toda essa experiência se materializou na Constituição Brasileira de 1988, que acatou muitas das nossas pautas, estabelecendo a igualdade de gênero perante a lei máxima do País”, revela.

Atualmente, Vera participa de várias associações filantrópicas, dentre elas a SABEN – Sociedade Árabe Beneficente – e coordena o Clube do Livro do Clube Curitibano, onde também participa do Conselho Deliberativo.

O POVO QUE INVENTOU O ALFABETO

Recentemente, em 2019, esteve no Líbano, e gostou imensamente. “É um lindo país com uma

“O Líbano sempre foi motivo de orgulho para nós. Diria que uma descendente do povo que inventou o alfabeto”

história incrível, com um povo acolhedor. Visitar o Líbano é ver de modo quase palpável a História rediviva em seus vestígios do passado (Baalbek entre tantos outros)”, reconhece.

Ela conta que o pai sempre falava das raízes da família e ressaltava que deveriam se orgulhar delas. “Meu pai sempre lembrava que o alfabeto inventado pelos fenícios. E tive a oportunidade de vê-lo em minha visita ao Líbano. Também não é por acaso que nominamos os números de arábicos”.

Vera destaca ainda outro aspecto fundamental do Líbano: a gastronomia alçada a emblema cultural. “É algo sempre presente em nossa casa e que está sendo transmitida para meus filhos e netos. Nutrimos o corpo com o acompanhamento das socialidades, valores e história que o comer em família carrega”, poetiza.

“O Líbano sempre foi motivo de orgulho para nós. Diria que uma descendente do povo que inventou o alfabeto teve toda sua vida perpassada pela leitura, a realização presente dos feitos do passado”, compara em uma trajetória que também se repetiu em sua própria vida, ao receber as sementes da educação e repassar para tantas outras pessoas. ■

Sylva Abboud el-Jamal

Na alma e no coração

O depoimento de uma imigrante que se estabeleceu no Brasil e se envolveu em ações sociais, a partir da herança e dos ensinamentos da cultura milenar de seu povo

“**N**asci e cresci no Líbano, em Kobayat, cidade localizada na governança de Akkar, no norte do país, a 150 quilômetros de Beirute. Lá passei minha infância e adolescência e aprendi que a vida familiar é muito importante para a nossa cultura árabe. As famílias libanesas prezam as tradições, passadas de uma geração para outra. Aos 22 anos me casei e mudei para o Brasil. Hoje tenho 43 anos.

Sempre procurei conservar os princípios e as tradições milenares que herdei e agora passo para os meus filhos, pois sabemos que com o passar do tempo e com a distância as tradições costumam se perder.

Posso afirmar que recebi uma enorme herança apenas pelo fato de ter crescido no Líbano, o berço da civilização, também conhecido como o país da diversidade. Todos os anos, no verão, vou com minha família passar um mês por lá e lembrar a minha infância. Os momentos passados no Líbano são todos apaixonantes.

Compartilho esses momentos com meu marido - Omar el-Jamal, empresário do mercado agrícola

e imobiliário - e meus filhos: Omar Abboud el-Jamal, de 20 anos, estudante de Administração de Empresas com ênfase em empreendedorismo, na Hult International Business School, em Londres. Patrick Abboud el-Jamal, 17, aprovado para o curso de Administração de Empresas na mesma universidade onde estuda Omar. E Leonardo Abboud el-Jamal, 14, aluno da high school, na escola americana Chapel, em São Paulo.

Adoramos a beleza natural do Líbano, um lugar especial e rico em conteúdo histórico e cultural. Seu povo é amigável, acolhedor e hospitaleiro. Cada vez que volto à terra dos meus antepassados, percebo que ainda tenho muito a aprender e ensinar aos meus filhos. Quero que eles se sintam orgulhosos de suas origens.

Com o passar dos anos, vivendo em São Paulo, fui me envolvendo com diversas ações sociais através das instituições religiosas da nossa comunidade. Também fiz muitas amizades dentro da nossa colônia e fora dela, que ajudaram a me estabelecer longe do meu país de origem, como imigrante. A formação, a determinação e a personalidade que a cultura libanesa nos ensina, fez com que eu conquistasse meu espaço social no exterior sem perder minhas raízes”. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

Esposa e mãe, Sylva Abboud el-Jamal conta sua trajetória do Líbano até o Brasil

Claudia Chueri Kodja

Riqueza como exemplo de moral e aptidão

Gestora de investimentos, Claudia Chueri Kodja conta como o empenho de seus pais e a força de suas origens libanesa e síria foram decisivos para uma carreira bem-sucedida no mundo das finanças

“**C**omo disse a poeta brasileira Adélia Prado: ‘Minha mãe achava o estudo, a coisa mais fina do mundo’. Assim também era minha mãe, Ilda Chueri, bastante atenta e vaidosa do desempenho acadêmico de seus filhos. Já meu Pai, Jorge Miguel Kodja, com menos apreço pelos estudos, dava mais importância a habilidade comercial, com a qual pode acumular um bom patrimônio. Esta contradição entre os dois perfis, me levou a busca da excelência acadêmica, como forma de expressar minha gratidão, e a escolha do empreendedorismo, como principal ferramenta para construção do meu patrimônio.

Nasci em Santos, há 48 anos, e me formei em Administração de Empresas pela FGV e sou

doutora em História Econômica pela USP. Iniciei minha carreira no setor financeiro, trabalhando na área de investimentos de bancos, no Brasil e nos Estados Unidos. Após 10 anos de experiência, comecei a empreender me tornando sócia de uma corretora de valores mobiliários e posteriormente, de uma gestora de patrimônio.

Depois de vender a Kodja Investimentos em 2017, trabalho com um projeto educacional - a Kodja Formação e Empresarial (kodja.com.br) - e no modelo de uma startup dedicada a produtos financeiros para aposentadoria - a Prev Br (prevbr.com.br).

Para mim, família e trabalho não concorrem entre si, mas compreendem e sustentam um ao outro. O sucesso de cada um é a alegria de todos e o insucesso sempre deve reforçar a nossa união. As reuniões em família são os melhores momentos da minha vida.



FOTOS: FOUAD NAIME

Claudia Chueri Kodja, doutora em História Econômica pela USP, trabalhou na área de investimentos em bancos no Brasil e nos Estados Unidos



Entre os trabalhos da professora Claudia Chueri Kodja está o livro "Mundo em Crise: a Libertação e o Abandono da Sociedade"

“A observação da postura e da elegância no trato social, assim como a busca da excelência dos resultados, são as heranças naturais dos meus antepassados”

Meus antepassados vieram de Duma, no Líbano, e de Antioquia, na Síria. Sou a única pessoa da minha família que não conhece o Líbano, mas me comunico com os parentes que moram por lá. Uma viagem em família para Beirute estava marcada, para neste primeiro semestre de 2020, mas foi cancelada devido a pandemia.

O impacto de minhas raízes árabes na vida profissional e pessoal são decisivas e me diferenciam de forma expressiva. A observação da postura e da elegância no trato social, assim como a busca da excelência dos resultados, são as heranças naturais dos meus antepassados.

Não por imposição, mas por identidade, observei em minhas origens libanesas que a busca da riqueza só tem sentido se puder se tornar exemplo de moral e aptidão. Em um mundo onde a riqueza é cada vez mais instável e se assemelha menos a um patrimônio, diferenciar-se pela boa educação e mérito se tornou o maior valor. E o único que poderá nos reconstruir, seja qual for a dificuldade.” ■



CAMPANHA PRÓ NOVA SEDE DO CONSULADO GERAL DO LÍBANO EM SÃO PAULO

MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

BRONZE: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais)
PRATA: R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)
OURO: R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais)
PLATINA: R\$ 100.000,00 (cem mil reais)

É UM MOMENTO HISTÓRICO. APROVEITE-O! CONTRIBUA AGORA COM O QUE PUDER!

**BANCO SANTANDER,
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,
CNPJ 05.034.412/0001-66**

Cristiane Yazigi Roumieh

Educação, tradição e resiliência

Engenheira e empresária, Cristiane Yazigi Roumieh, diz que sua tenacidade e liderança vêm dos antepassados que viveram no deserto. Diante da pandemia, ela busca soluções tecnológicas para evitar a propagação do novo coronavírus

O sobrenome de Cristiane Yazigi Roumieh está associado a uma das escolas de inglês mais tradicionais do Brasil, fundada em 1950, por seu tio materno César Yazigi. Mas as raízes educacionais de Cristiane são ainda mais remotas e fazem parte da história de seus ancestrais.

“A família Yazigi foi uma das fundadoras da cidade de Marmarita, uma aldeia pertencente a Homs, na Síria, onde a maioria de seus cidadãos ainda são Yazigi. A cidade é conhecida por seus médicos, engenheiros, escritores, professores e pela taxa zero de analfabetismo. A família é ainda conhecida no mundo árabe por escrever livros influenciadores, que fizeram parte da formação da gramática árabe que permanece até hoje”, orgulha-se Cristiane.

Aos 56 anos, a engenheira eletrônica e empresária nasceu em São Paulo, onde vive. Morou na Síria por quase dois anos, depois de ter se casado lá.

Seu pai, Hanna Yazigi, nasceu em Marmarita e se formou em Economia, na faculdade Americana de Beirute. Chegou ao Brasil aos 28 anos, trazido pelos irmãos mais velhos, José e Assad Yazigi, que já se encontravam aqui. Depois de dois anos no país ele se casou com Daisy Yazigi, sua prima, nascida em São Paulo, filha dos sírios Elias Yazigi e Jamile Helou - ele de Marmarita e ela de uma aldeia próxima. Cristiane tem três irmãos: Eliana, Ricardo e Cintia.

Ela é sócia-fundadora da GSC, empresa de segurança eletrônica, no mercado há mais de 20 anos. “Escolhi a engenharia devido ao meu amor pelos números e pela Física. Eu me formei em Engenharia Eletrotécnica, uma área predominantemente masculina - eu era a única mulher da turma. Comecei a trabalhar cedo, aos 15 anos, depois de ter me formado precocemente do Colegial - minha mãe me matriculou na primeira série aos 5 anos, pois eu já sabia ler e escrever. Como era muito nova para ingressar na faculdade, preferi esperar um ano”, recorda. “Quando



FOTOS: DIVULGAÇÃO

No momento, a empresária Cristiane Yazigi Roumieh enfrenta as dificuldades impostas pela pandemia, como manter o emprego de seus funcionários

“Em minha vida profissional, a cultura árabe se manifesta na liderança, compreensão e resiliência”

ingressei na faculdade mantive meu trabalho com meu tio, Alberto Yazigi, ajudando-o a administrar seus imóveis. Ele me influenciou muito na vida profissional e me motivou a ter minha própria empresa, algo que realizei nove anos depois de formada”, conta.

Cristiane diz que escolheu trabalhar no setor de segurança pela possibilidade de oferecer tranquilidade para as pessoas em suas casas e no trabalho. Na época, esse mercado no Brasil era quase inexistente e ela viu uma oportunidade de criar, trazendo novas tecnologias do exterior. “Fundamos a empresa juntos, meu marido Sami Roumieh e eu, com o intuito de sempre priorizar o relacionamento humano e a comunidade, algo que acreditamos ter realizado pois temos funcionários trabalhando conosco desde o início. A empresa se tornou conhecida, recebendo diversos prêmios nacionais e internacionais”, destaca a empresária.

Na atual situação da pandemia, o maior projeto da empresa é superar as dificuldades impostas, mantendo o crescimento, além de conservar o emprego dos funcionários. “Também focamos em novas tecnologias para auxiliar na

prevenção da doença e na propagação do vírus, com equipamentos capazes de detectar possíveis riscos”, informa.

A primeira vez que Cristiane esteve na Síria foi aos 21 anos, quando se casou no país. Conheceu seu marido, quando ele veio para o Brasil a negócios e, no mesmo ano, viajou com ele para se casar. “A partir daquele momento comecei a entender quem eu era. Na Síria conheci minhas tias paternas e primos, que ainda vivem lá. Houve uma grande identificação com as pessoas, os costumes e descobri minhas raízes. Aprendi a falar, ler e escrever o árabe. Morei lá por quase dois anos e, desde então, sempre que possível voltei com a família. Amo o povo, o estilo de vida e a comida”, declara.

Já o Líbano ela conheceu como turista e teve a oportunidade de visitar várias vezes. “Depois da guerra ainda não voltei para a Síria, meu coração chora diariamente pela situação que o país enfrentou e ainda enfrenta”, lamenta.

Cristiane tem duas filhas: Ivete, de 32 anos, e Erica, de 26. Ivete é engenheira mecânica e Erica, jornalista. “Ambas levam forte influência da cultura árabe, que aprenderam com os familiares e nas constantes viagens para a Síria e o mundo árabe. Minha sogra, Ivete Yazigi, e meu sogro, Elias Roumieh, ajudaram na criação e educação delas. Eles vieram da Síria assim que minha primeira filha nasceu, o que foi primordial para que as duas aprendessem o idioma e a cultura. O apoio dado por meus sogros foi fundamental para podermos construir e consolidar nossas carreiras profissionais”, diz com gratidão.

Para Cristiane, suas raízes sírias são de extrema importância na vida pessoal. “Aprendi muito com meu marido, que veio de uma cultura milenar, e utilizo esse aprendizado em todas minhas ações e decisões”, faz questão de ressaltar. “Em minha vida profissional, a cultura árabe se manifesta na liderança, compreensão, resiliência. Apesar de nunca ter vivido no deserto, sinto a influência dos meus antepassados viveram essa experiência. Isso nos dá força, coragem, entusiasmo, vontade de vencer. Somos guerreiros!”, conclui vitoriosa. ■

ARTIGO

Por Edmo Atique Gabriel*



O AMOR E O CORAÇÃO

Não se deve subestimar os sintomas provenientes de uma desilusão amorosa, pois os mesmos são capazes de alterar nosso equilíbrio cardiovascular

Os sentimentos são plenamente capazes de impactar a saúde e o equilíbrio cardiovascular. Basta uma desilusão amorosa ou vivenciar uma traição para que sintomas cardíacos apareçam, muitas vezes exigindo internação e investigação por meio de exames específicos.

Dizer que nós, seres humanos, estamos devidamente preparados para enfrentar um problema de relacionamento amoroso ou uma instabilidade na vida conjugal, não é verdade. As pessoas se envolvem num contexto amoroso, vislumbrando a perfeita harmonia entre duas pessoas, com muita tolerância, compreensão e desprovemento. No entanto, na prática, sabemos que isto não ocorre e, nos dias atuais, por razões comportamentais, sociais e até legais, corromper valores morais e cair na tentação da traição tornou-se algo fácil, simples e corriqueiro.

Embora pareça excessivamente filosófico, o coração humano “sofre” bioquímica e metabolicamente diante de um quadro emocional de labilidade na vida amorosa. Da mesma forma que existem substâncias promotoras do bem-estar, há aquelas que são liberadas na circulação sanguínea em situações de tensão,

desespero e profunda tristeza. E são justamente estas substâncias que desencadeiam diversos efeitos deletérios em nosso coração, como crise hipertensiva, arritmias e dor no peito. Alguns autores japoneses descreveram uma entidade clínica denominada de síndrome de Takotsubo, também conhecida como síndrome do coração partido, na qual os sintomas citados aparecem em relevante magnitude, após situações de estresse emocional.

Diante da ocorrência destes sintomas, as pessoas procuram os serviços de emergência, sendo necessária a realização de exames para descartar doenças mais graves como é o caso do infarto do miocárdio. Mesmo não se confirmando o infarto, são necessárias várias horas ou até dias de internação, muitas horas de apreensão por parte da família e utilização de grande quantidade de medicamentos.

Não se deve subestimar os sintomas provenientes de uma desilusão amorosa, pois os mesmos são capazes de alterar nosso equilíbrio cardiovascular e aumentar o risco de eventos mais preocupantes como uma crise hipertensiva e um infarto do coração. Na vigência destes sintomas, é primordial procurar um cardiologista e realizar exames específicos. ■

* Edmo Atique Gabriel é professor e médico cardiologista



A engenheira
Claudia Yazigi
Haddad

FOTO: DIVULGAÇÃO

Claudia Yazigi Haddad

Fazer o bem faz bem

Claudia Yazigi Haddad gosta de se definir como “multitask”. Por isso, em tempos de pandemia, como diretora da Câmara de Comércio Árabe Brasil, desenvolve várias ações sociais. Acredita que, juntas, as mulheres podem mover montanhas

“**N**ão consigo me definir em uma única profissão pois tenho muitas atividades: sou engenheira civil e sócia técnica da Construtora Yazigi - que está completando 50 anos de existência e na qual trabalho há 30 - sou diretora da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira há quatro anos - frequento quinzenalmente as reuniões de diretoria, quando discutimos comércio exterior, planejamento estratégico, artes, feiras comerciais e conjuntura econômica com outros diretores incrivelmente capacitados, com quem aprendo a cada encontro. Sou também diretora da Associação Beneficente Síria, a mantenedora do Hospital HCor que faz um trabalho belíssimo em prol da sociedade. E sou esposa e mãe, de três filhos. Esse cargo é do qual mais me orgulho.

Nasci e cresci na cidade de São Paulo, minha educação é síria e libanesa. A família da minha mãe, o lado emoção, é libanesa da cidade de Ebel al-Saqi e a família do meu pai, meu lado intelectual e racional, é da Síria, das cidades de Marmarita e Homs. Assim, sou resultado da mistura dos dois países que aqui no Brasil convivem como irmãos. Minha família é grande, cresci cercada de primos em almoços barulhentos e isso foi o que me ensinou a valorizar, acima de tudo, a família. Tenho três irmãs e muitos sobrinhos. Minha irmã mais velha, Paula, é a mais racional e meu exemplo. Luciana, dos anos mais nova que eu, é o ser humano mais justo e correto que conheço. E minha irmã caçula, Juliana, é só coração, para ela tudo está sempre bom. Junto com a minha mãe Arlette, uma mulher que admiro por sua força e disposição e que aos 86 anos está sempre disposta a tudo, elas me estimulam e me completam.

Sempre fui boa aluna na área de exatas, o que provavelmente me influenciou a seguir os passos do meu pai - Walid Yazigi, engenheiro civil - e a trabalhar com ele. Sendo um homem muito inteligente e culto, ele foi meu maior exemplo de vida, que tento seguir até hoje. Ele escreveu um livro sobre engenharia, hoje adotado pela maioria das faculdades, chamado “A Técnica de Edificar” que está na 18ª edição. Meu pai estava à frente do seu tempo e sempre trabalhou com ética e

“**Cresci cercada de primos em almoços barulhentos e isso foi o que me ensinou a valorizar, acima de tudo, a família**”

transparência, buscando a melhoria contínua por meio de inovações tecnológicas. O respeito pelas pessoas à sua volta sempre conquistou muita gente, foi um modelo de ser humano difícil de se igualar.

Como engenheira, construí ao longo desses anos alguns prédios cujos projetos me trouxeram enorme satisfação, como um prédio no Itaim totalmente de concreto, de autoria do premiado arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Outro projeto muito original - só apartamentos duplex - foi do escritório Aflalo & Gasperini Arquitetos, além de vários da Botti Rubin Arquitetos Associados e dos arquitetos Miguel Juliano e Carlos Azevedo e Silva. Acompanhei pessoalmente a obra da nova sede da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, um projeto muito criativo de Ruy Ohtake

Como diretora da Associação Beneficente Síria, fui convidada para fazer parte da comissão de obras do Hospital HCor e estamos desenvolvendo novos projetos para readequação do hall de entrada, quartos, instalação elétrica e muitas outras novidades, além de participar semanalmente das reuniões de diretoria da Associação, para discutir frentes de trabalho. Frequentando a Associação

Beneficente Síria, passei a conhecer realmente o trabalho desse grupo de mulheres incansáveis e a admirá-las pela dedicação e carinho. Como não poderia ser diferente, criaram nesse período complicado da pandemia do Covid 19 uma Liga de Proteção, desenvolvendo diversas ações que vão desde treinamento das equipes que estão à frente do Covid 19 em diversos hospitais no Brasil, até arrecadar fundos para fornecer insumos para hospitais necessitados e diversas outras ações importantes. São um grupo de mulheres que, juntas, movem montanhas...

Diante da presente pandemia, quando milhares de pessoas estão sendo infectadas e outras milhares precisam de ajuda para sobreviver nos hospitais, a Câmara de Comércio Árabe-Brasileira se solidarizou e tem a iniciativa de arrecadar fundos por meio de uma campanha para auxiliar o maior número de hospitais e famílias possível. Lançou um projeto filantrópico, com diversas ações que estou ajudando a desenvolver e se tornou meu principal projeto. A primeira ação, com recursos próprios, foi a doação de insumos (30.000 máscaras hospitalares, 5.700 fronhas e 1.200 litros de álcool-gel) para o Hospital Santa Marcelina, na Zona Leste da cidade. A segunda ação foi uma parceria com o "Sírio do Bem", do Esporte Clube Sírio, para a doação de 1.200 máscaras para pacientes oncológicos do Tucua (Associação para Crianças e Adolescentes com Câncer). A terceira, foi uma parceria com a cantora Cris Narchi, na qual para cada download no Youtube da música "Juntos", 100% da arrecadação vem para a Campanha. Na quarta ação criamos uma campanha mais transparente, utilizando a "vakinha" - pode-se verificar o valor arrecadado a qualquer momento - e para a qual os colaboradores, conselheiros e diretores da CCAB fizeram um bom aporte financeiro. Foram adquiridas 2.500 máscaras, doadas à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Finalmente, a quinta ação consiste na ampliação da rede de solidariedade para a aquisição de insumos para as Santas Casas do interior. Senti que o 'fazer o bem faz bem' é realmente verdadeiro

Nós mulheres temos esse poder *multitask* e o meu maior orgulho sempre foi minha família. Quando meus filhos eram menores, passei muito

“Deem amor e, principalmente, exemplo aos seus filhos, sejam exigentes, estimule-os e conversem bastante que tudo dará certo”

tempo sofrendo da culpa por trabalhar e não poder estar 100% do tempo com eles. Como o dia tem só 24 horas - tinha que trabalhar, cuidar da casa e das crianças, dar atenção aos amigos - mesmo fazendo meu melhor, sentia que talvez não fosse o suficiente. Hoje, com todos já adultos, sinto orgulho dos seres humanos que se tornaram e de suas conquistas. Minha filha mais velha, Juliana, graduou-se em Economia pela Universidade de Berkeley, na Califórnia. André estuda Ciências da Computação e Estatísticas na Columbia University, em New York. O caçula, Fernando, terminou o primeiro ano de Empreendedorismo no Babson College, em Boston. Tenho certeza de que eles não seriam melhores ou mais bem sucedidos se eu estivesse grudada neles o tempo todo. Claro que sempre pude contar com a ajuda do meu marido, Sergio Haddad, também descendente de Libanês, que sempre me apoiou, me incentivou e ajudou em casa e com nossos filhos. Trabalhar me ajudou a ter uma visão mais completa do mundo, que pude transmitir a meus filhos. Por isso, segue meu conselho às mães que trabalham: deem amor e, principalmente, exemplo aos seus filhos, sejam exigentes, estimule-os e conversem bastante que tudo dará certo.” ■



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido
conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/

